

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR**

DANIELLE RUCK DE CANDIA

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Tramandaí
2022**

DANIELLE RUCK DE CANDIA

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr Diego Carlos Pereira.

Tramandaí

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Ruck de candia, Danielle

Educação Antirracista na Educação Infantil / Danielle Ruck de candia. -- 2022.
30 f.

Orientador: Diego Carlos Pereira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Balneário Pinhal, BR-RS, 2022. 1. Identidade. 2. Raça/etnia.
3. Educação antirracista. I. Carlos Pereira, Diego, orient. II. Título.

DANIELLE RUCK DE CANDIA

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Polo: Balneário Pinhal

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Diego Carlos Pereira - Orientador

Universidade Federal Fluminense/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Mariângela Kraemer Lenz Ziede

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Esp. Tiane Fernanda de Aguiar

Faccat – Faculdades Integradas de Taquara

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em princípio à minha família e também a todas as demais pessoas que, de alguma forma, me acolheram quando, em tenra idade, necessitei de proteção e de abrigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que, desde sempre, foi minha base e apoio para chegar onde estou, se não fossem eles, com certeza, hoje, não estaria aqui podendo compartilhar esta história, pois, desde o princípio, trabalharam e lutaram muito para que eu e meus irmãos pudéssemos ter as mesmas condições de estudo, sempre nos ensinando a valorizar o conhecimento e a batalhar para conquistar, ao menos, um degrau a mais que o deles, que infelizmente não tiveram as mesmas oportunidades.

Como ser humano falho, por várias vezes pensei em desistir devido ao cansaço e aos problemas que até aqui enfrentei, mas, com muitas conversas de incentivo, me reergui e decidi continuar a trilhar este mesmo caminho onde pude, com o tempo, colher bons frutos e, principalmente, evoluir como pessoa com todos os tropeços que ocorreram, que, aos poucos, me tornaram mais forte e resistente. Este curso abriu muitas possibilidades de conhecer pessoas maravilhosas que, a cada dia, estão me ensinando a admirar e a conhecer ainda mais o quão rica é esta profissão.

É claro que jamais poderia deixar de agradecer ao meu orientador Diego, que, mesmo com o tempo corrido que tivemos para a realização deste trabalho, conseguiu dar toda a atenção e o acolhimento necessários. Aproveito para agradecer aos demais professores, tutores e orientadores que contribuíram para o meu crescimento ao longo deste processo duradouro. Todos, sem sombra de dúvidas, foram fontes fundamentais em minha vida.

EPÍGRAFE

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e, se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar (MANDELA, 2006, p. 105).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar questões que circulam ao entorno do tema Educação Antirracista na Educação Infantil, trazendo questões fundamentais para o bem estar social de um indivíduo, como a importância da identidade de uma criança ser trabalhada em sala de aula e compreensões ao entorno de termos como raça e etnia. Pretende-se analisar se os professores sabem quando estão lidando com questões de preconceito ou discriminação racial e investigar o que fazem diante de situações desse tipo, seja em interações aluno-aluno, professor-aluno, aluno-professor ou qualquer outro profissional que faz parte da instituição escolar. Busca-se, também, observar se os professores abordam em sala a cultura afro-brasileira e o ensino propriamente dito da história brasileira. Salienta-se que este trabalho fundamentou-se em materiais bibliográficos de autores como Nilma Lino Gomes (2005 e 2012) e Oliveira e Candau (2010). Este estudo tem como metodologia analisar, de forma reflexiva e analítica, fontes bibliográficas de maneira exploratória, buscando compreender o que os autores trazem de contribuição para este campo. Além de uma entrevista semiestruturada direcionada a professores da educação infantil. Os resultados afirmam que, dentro da Educação Infantil, existe ainda um grande receio em no que diz respeito ao trabalho com questões étnico-raciais. Hipotetiza-se um receio, talvez, em olhar para o próximo, que, dentro deste contexto, ainda é uma criança, que, até o presente momento, encontra-se com a necessidade de ter a sua identidade esculpida e valorizada. Dessa forma, presume-se que o trabalho em torno da auto estima e da identidade de uma criança negra e das colocações que circulam em torno de raça, etnia, cultura afro-brasileira e história brasileira deve ocorrer urgentemente a passos maiores na Educação Infantil.

Palavras-chave: educação antirracista, educação infantil, raça, etnia, identidade.

ABSTRACT

The present work aims to present issues that circulate around the theme Anti-racist Education in Early Childhood. It brings fundamental issues to the social well-being of an individual, such as the importance of a child's identity to be worked in the classroom and understandings around terms such as race and ethnicity. It is intended to analyze whether teachers know when they are dealing with issues of racial prejudice or discrimination and to investigate what they do in this type of situations, whether in interactions of student-student, teacher-student, student-teacher or any other professional who is part of the school institution. It is also sought to observe whether teachers approach Afro-Brazilian culture in the classroom and the teaching of Brazilian history itself. It should be noted that this work was based on bibliographic materials by authors such as Nilma Lino Gomes (2005, 2012) and Oliveira and Candau (2010). The methodology of this work is to analyze, in a reflexive and analytical way, bibliographic sources, exploring and seeking to understand what the authors bring as a contribution to this field of study. In addition, the aim is to do a semi-structured interview. The results tell us that, within Early Childhood Education, there is still a great fear in terms of working with ethnic-racial issues. A fear is hypothesized, perhaps, in looking at the next, who, within our context, is still a child, who, until the present moment, finds himself/herself with the need to have his/her identity sculpted and valued. In this way, it is assumed that the work around the self-esteem and identity of a black child, and the placements that circulate around race, and ethnicity, Afro-Brazilian culture and Brazilian history must urgently occur in steps higher in Early Childhood Education.

Keywords: Anti-racist Education; Early Childhood Education; Race; Ethnicity; Identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Justificativa	13
1.2 Metodologia	14
1.3 Justificativa da metodologia	16
2 REVISÃO TEÓRICA	177
2.1 Identidade	17
2.2 Raça/Etnia	20
2.3 Educação antirracista	22
3 RESULTADOS	255
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE	33

1 INTRODUÇÃO

O tema central deste trabalho é pensar, de forma coletiva, em uma educação com práticas antirracistas, especialmente, na Educação Infantil, a fim de contribuir para o bem-estar social dos estudantes, analisando os aspectos discriminatórios no cotidiano escolar onde muitas concepções são construídas a partir do contato com as multiplicidades.

Sendo assim, é importante rever e trabalhar com práticas pedagógicas que auxiliem na desnaturalização de questões de caráter étnico-racial que muitas vezes já estão enraizados dentro da cultura brasileira e que se manifestam na Educação Infantil.

Um estudo divulgado pelo O Globo aponta que nós, pretos e pardos, compomos 21% do total do estado brasileiro, sendo este número correspondente a 2,3 milhões, em condições de desigualdade em âmbitos como educação, saúde e trabalho comparados à população branca (O GLOBO, 2021).

Vivemos em um contexto onde nós, negros, já nascemos ouvindo concepções afirmadas por tempos sobre nossa raça, sobre a forma como nos portamos, sobre o nosso trabalho que, por mais suado que seja, acaba sendo mal visto por muitos, e a cada instante, a sociedade nos cobra que estejamos preocupados em agradar a maior parte da população, preocupados em sermos bem vistos e não sermos confundidos com bandidos. O que fica claro aqui, em nossa perspectiva e trajetória, é que, além de sermos minoria em muitos espaços, crescemos com muitas tensões.

Cabe ressaltar que, em muitos momentos, irei me referir aos pretos e pardos com o termo Negros(as), pois, conforme ressalta a autora Gomes, esta classificação consta nos censos apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (GOMES, 2018).

Sendo assim, acredito que este trabalho é um convite a todos os indivíduos que colaboram para o crescimento de nossas crianças, a trabalhar a seguinte problematização: quais práticas podemos construir na Educação Infantil, a fim de tratar questões de cunho étnico-racial em sala de aula?

Logo, para resolver esta problemática, pretende-se analisar, através de uma entrevista de forma presencial, os professores de uma escola municipal localizada na

zona rural de Viamão/RS com o intuito de levantar questões como (i) a diferença entre preconceito e discriminação racial, (ii) quais são as ações realizadas diante destas problemáticas, (iii) a cultura afro brasileira e (iv) o ensino da história brasileira, além (v) da importância da identidade negra ser construída em sala.

Ao fim dessa análise, colaboro com a apresentação de um projeto idealizado por mim, com o objetivo de integrar o processo da construção da identidade e da auto-estima negra em uma escola rural do município de Viamão/RS. Isso se dá com uma prática, em que, em conjunto, iremos tratar os cabelos afros das crianças da educação infantil desta escola, ressaltando a importância do cuidado com os cabelos e da beleza negra.

Um fator importantíssimo que motivou este estudo foi a necessidade de transformar o ambiente escolar em um lugar acolhedor onde as crianças possam construir sua identidade, acreditando que, assim como as demais, também são fontes valiosas para nossa história. Lembro-me de minha trajetória como estudante, em que, além de ser minoria em sala de aula, eu também me via como um ser inferior. Mesmo sem ter a total compreensão, eu era muito quieta quando me encontrava em um ambiente com a maioria branca e acredito que muitas crianças hoje em dia ainda sintam-se assim sem nem perceber esses fatores.

Por fim, o segundo fator seria entender minha responsabilidade como mulher de pele e preta e futura docente de compreender esta temática, que poderá contribuir tanto para o meu trabalho em sala de aula, como também para a atuação de outros futuros docentes, além de experiências pessoais.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender práticas que são utilizadas em sala de aula para tratar questões étnico-raciais de professores da Educação Infantil de Jardim I e II de uma escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na zona rural do município de Viamão, no Rio Grande do sul (RS).

No que tange aos objetivos específicos, pretende-se: (i) analisar se os professores sabem quando estão lidando com questões de preconceito ou discriminação racial; (ii) investigar o que fazem diante de situações de preconceito e/ou discriminação racial de aluno-aluno, professor-aluno, aluno-professor ou qualquer outro profissional que faz parte da instituição escolar; (iii) observar se os professores abordam em sala a cultura afro-brasileira e o ensino propriamente dito da

história brasileira; (iv) apresentar a importância da construção da identidade negra de uma criança em sala de aula através de um projeto para evidenciar o cabelo afro das crianças dessa instituição.

1.1 Justificativa

A escola tem a responsabilidade de abordar em sala de aula estudos sobre a cultura afro-brasileira conforme determina a Lei 10.639/03. Combater a discriminação racial também consiste na construção de um currículo anti-racista.

A lei chega para rever muitos conceitos que são tratados de forma errônea nas escolas e muitos outros que nem sequer são citados no contexto escolar. É fácil recordar o que aprendemos sobre o ensino da história, pois um dos termos citados com frequência era “os escravos africanos”. De forma errada, neste termo tentamos nos referir a seres humanos que foram e são escravizados. Quando corrigimos esta abordagem, portanto, deixamos de naturalizar a ideia de que o povo negro sofreu a escravidão por uma escolha ou por algo inerente ao ser humano.

É a partir desses questionamentos que se visualiza a importância de se falar sobre a identidade negra. Neste caso, em específico na escola, pois, segundo Gomes (2018, p.43), a

tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil (apud MUNANGA, 1994, p. 187).

É justamente para corrigir essas questões que a Lei 10.639/03 foi restabelecida, visando a corrigir muitos erros que eram e ainda são impostos em sala de aula.

Iniciar na Educação Infantil essa abordagem é ainda mais relevante quando reconhecemos que, nessa fase, muitas ideias são inseridas em um "novo ambiente" repleto de pluralidades. Essas múltiplas personalidades são somatórios de características que formam individualmente cada sujeito dentro da sociedade.

Quando coloco representatividade como pauta, me refiro justamente a essas questões plurais. Anteriormente a isso, trago a identidade de cada sujeito, em ênfase,

a identidade negra, sendo crucial que, antes de qualquer processo, cada aluno(a) criança possa se olhar no espelho e se reconhecer como figura negra. Tendo como visão que cada traço constitui esse, como ser humano formador de uma sociedade repleta de cores, traços e formas, que são características diminutivas, mas, sim, exaltadoras, pois o que devemos construir é igualdade e, não, superioridade.

Segundo Gomes (2018, p.42), “Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados, a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais”.

Aqui nosso “agrupamento social” será a educação infantil, é nela que devemos salientar esses valores sociais e, geralmente, esse caminho já é construído pela família e permeia a sala de aula, espaço amplo e que também requer atenção.

Diante do exposto, esse trabalho justifica-se pela importância e relevância de construirmos um currículo antirracista, formando futuros cidadãos que saberão como atuar em uma sociedade que ainda terá preconceitos e discriminação, mas que saberão identificar e levar conhecimento para as demais pessoas.

1.2 Metodologia

Para esta pesquisa, utilizamos fontes bibliográficas de autores como Nilma Lino Gomes (2005 e 2012) e Oliveira e Candau (2010) a fim de analisar, com um olhar reflexivo e analítico, essas fontes que irão enriquecer o trabalho com as suas contribuições de forma exploratória. Desta maneira, poderei refletir, levantar hipóteses e analisar, junto ao leitor, ao longo do trabalho, as ideias propostas, pois segundo Gil (2002, p.45):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Dentro desses parâmetros, podemos também compreender, com todas as análises que iremos fazer dos materiais ao longo do trabalho, mais um eixo importante a ser mencionado: a pesquisa qualitativa. Ela será aplicada, pois nosso estudo ocorre de forma ampla, e devemos, então, considerar o contexto em que ocorre nosso estudo e suas características apresentadas.

Utilizamos, como recurso a ser analisado, uma entrevista semiestruturada

com indagações a respeito do tema. Direcionada a professores da Educação Infantil, a entrevista poderá trazer maior compreensão das perguntas e respostas que serão levantadas, podendo, assim, colher fontes maiores.

“A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p.34). Junto a esse aspecto, temos a entrevista de forma semiestruturada, que também irá nos permitir uma captação imediata, e o diálogo tende a se construir de forma aberta para que, no momento, possamos trazer novas indagações conforme a entrevista for construindo seus caminhos.

É importante considerar o que cada professor tem a contribuir para a reflexão do trabalho considerando sua prática em sala de aula, que já se constitui por alguns anos em diferentes contextos históricos e culturais.

Com o objetivo de inserir a escola nesse contexto e poder deixar um pouco de conhecimento, penso em levar para dentro dessa comunidade um projeto feito por mim, contando com a participação de alguns voluntários, que irá ocorrer de forma presencial. Objetivo, principal é de colaborar com a construção da identidade e da auto-estima negra em uma escola da zona rural do município de Viamão/RS, com uma prática onde, em conjunto, iremos tratar os cabelos afros das crianças da educação infantil desta escola, ressaltando a importância do cuidado com os cabelos e da beleza negra.

Ou seja, na mesma escola onde será feita a pesquisa, iremos levar o projeto como um “encerramento”, podendo conversar com as crianças e, se possível, com os pais sobre os cuidados com o cabelo afro, sobre a valorização da curvatura de cada cabelo, buscando conscientizar que cada cabelo é, sim diferente, porém, que todas as formas são aceitas.

Essa abordagem será válida, pois, se, na minha época de estudante, eu tivesse todos estes conhecimentos que são dispostos de forma gratuita e esta variedade de produtos específicos para os nossos cabelos, eu com certeza não teria optado por alisar, de forma química, meu cabelo, acreditando que desta forma seria “mais fácil de cuidar” e a que o faria ficar “mais bonito”. Hoje, depois de passar pela transição, que consiste em aceitar a curvatura natural do cabelo,

eu posso dizer que foi uma ocorrência da minha vida que contribuiu fortemente na minha identidade como mulher negra. É exatamente isso que esse projeto pretende fazer, levar o entendimento da importância que o cabelo afro tem para a construção da imagem da criança negra.

1.3 Justificativa da metodologia

Pode-se observar, nos parágrafos anteriores, que uma das propostas consiste em um projeto que iria ocorrer dentro de uma comunidade escolar na zona rural do município de Viamão/RS, onde em conjunto com pessoas voluntárias iríamos tratar dos cabelos afros dos alunos que fazem parte deste espaço, buscando referenciar a beleza negra na curvatura de cada cabelo, porém se constatou ao longo desse processo, que o tempo para realização desta atividade não seria suficiente por conta de outras demandas que ao longo surgiram, sendo assim o projeto não aconteceu.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Identidade

Segundo o dicionário online oxford languages (IDENTIDADE, 2022), identidade é vista como uma das características que diferenciam um indivíduo A de um indivíduo B ou, até mesmo, de objetos. De modo geral, quando falamos em processos identitários, devemos lembrar que todos necessitam de tempo e calma, pois falamos de uma construção que se inicia no berço. É um processo que se inicia no primeiro contato com a família, sendo a partir desse âmbito social que começam a surgir as primeiras definições de mundo, de identidade e que, gradativamente, vamos agregando mais conceitos quando nos encontramos em outros grupos sociais fora do nosso contexto familiar. Assim, vai-se constituindo cada vez mais nossa imagem em relação a essas pré-definições (GOMES, 2018).

Em específico, quando falamos da identidade de um negro, o processo também ocorre desta forma, necessitando de tempo. Entretanto, esse tempo aqui talvez seja maior, necessitando de mais atenção, pois conforme Gomes (2018):

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). (p.43).

Logo, dependendo do que construímos ao longo desse processo, pode ocorrer de futuramente haver a necessidade de uma nova reconstrução, por não nos enxergarmos com os mesmos olhos, que anteriormente nos impuseram. A identidade de um negro é algo que há anos grita querendo sobreviver a esse apagamento histórico.

Dessa forma, a identidade não vem agregada e pronta ao ser humano, ela vai se construindo nas relações que temos com o mundo e com os que habitam nele (GOMES, 2018). Ela é “um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais” (GOMES, 2018, p.41).

Em sala de aula, portanto, é importante que as questões que circulam em torno da identidade de uma criança possam ser abordadas e analisadas a fim de contribuir

e ressaltar a importância que as características de cada indivíduo possui para a sua plena constituição (GOMES, 2018). Nesse momento, cabe pensar na seguinte indagação: “Será que, na escola, estamos atentos a essa questão?” (GOMES, 2018, p.41).

Essa é uma pergunta importante para que os professores e a escola como um todo possam se questionar e repensar suas práticas, considerando que talvez muitos ainda não tenham encarado de forma responsável a diversidade cultural em sala de aula.

Segundo GOMES (2018, p.42), “(...) nenhuma identidade é construída no isolamento”. Essa frase trazida pela autora me tocou em demasia, pois, é de extrema importância nós entendermos isso. Aqui a questão mais forte é que nós, negros, já nos encontramos isolados da maioria. Sendo assim, para reafirmarmos nossas raízes, devemos, antes de tudo, reconhecer essa premissa, podendo sair dessa zona estática e dando o primeiro passo no sentido da construção de nossa identidade.

Um ponto que muitos devem questionar, porém, é o seguinte: por que esse processo deve ocorrer nas escolas, mais precisamente, por que em salas de aula? De fato, é um ponto a ser pensado, pois, se fizermos uma busca rápida nos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), veremos que a educação ainda chega de forma lenta para os não-brancos. Em relação à quantidade de analfabetos, os negros são maioria. Em relação aos que possuem ensino médio completo, nós também somos maioria.

Agora, se pensarmos mais a fundo diante destas características, chegaremos à conclusão de que se os negros nessas estatísticas são maioria, seria claro que, como docentes, encontram-se como minoria. Sendo minoria, podemos dizer que a dificuldade da escola em dialogar sobre identidade e sobre outros fatores que dizem respeito às crianças negras, sem dúvidas, é muito maior.

Como irei falar sobre os traços de uma criança negra, sobre a curvatura do seu cabelo e sobre a cor da sua pele na tentativa de valorizar sua identidade, se não entendo como este processo ocorre? Cabe ressaltar que esses fatores jamais justificam o silêncio diante das características abordadas. Aqui, busco pensar que esses apontamentos também dificultam o processo de uma criança em poder olhar seu professor e se espelhar de maneira positiva, de se reafirmar, entenda que:

Dessa forma, a ênfase na identidade resulta, também, na ênfase da diferença. Ao mesmo tempo em que a busca da identidade por parte de um grupo social evoca a diferença deste em relação à sociedade ou ao governo ou a outro grupo e instituição, ela possui um processo de elaboração e diminuição das diferenças internas do próprio grupo e dos vários grupos que formam, naquele momento de reivindicação, um único sujeito político (GOMES, 2018, p.41).

Como isso é feito? É através do diálogo com os outros em salas de aula de turmas de Educação Infantil, onde ouvimos de uma criança a seguinte frase: "colega, me empresta o lápis 'cor de pele'", aquele que a grande maioria já conhece e já utilizou ou ainda utiliza. Esse termo é usado para se referir a uma cor que não me inclui, um tom que talvez não incluía o "coleguinha" que está emprestando.

Nesse sentido, trago uma das experiências que tive no estágio obrigatório na Educação Infantil, que, inclusive, foi exatamente sobre essa questão do "lápis cor de pele". Em uma turminha de jardim 1, onde a proposta envolvia eles desenharem pessoas, o termo que mais ouvi foi esse: "preciso do giz/lápis 'cor de pele'". Eu sempre procurei questioná-los, do porquê ser esse o nome da cor, no sentido de fazê-los pensar se a cor que intitulavam como "universal", se era a mesma cor da pele do colega negro, do pardo ou até mesmo da minha cor. Porém, sempre entendendo que o fato de eles usarem esse termo, fazia parte da ingenuidade da criança de reproduzir o que nós, como adultos, aprendemos e repassamos para eles. Porém, as gerações passaram, e essa visão permaneceu. Vejo os mesmos desenhos, com as mesmas características, que, na minha época escolar, até a quarta série reproduzia: imagens de bonecas(os) de pele clara e cabelo liso. Isso ocorreu, pois as gerações reproduziram um termo que foi carregado durante anos pela própria marca de lápis de cor Faber Castell, a qual nomeava esse tom de rosa como "cor de pele" (BOUCINHA, 2014, p.15).

É a partir do diálogo em sala, trazendo informações como essa e transparecendo a cultura e a história negras, incluindo todas as crianças de forma diversa, que colaboramos para uma educação antirracista. É apropriando-nos da cultura que nós, negros, resgatamos nossa autonomia.

2.2 Raça/etnia

Antes de compreendermos essas concepções, precisamos retornar à história e, brevemente, lembrar o que foi o colonialismo, em sua época, até chegarmos à contemporaneidade e discutirmos sobre o que está sendo a colonialidade. Percebe-se que os autores Oliveira e Candau (2010) discutem sobre vários pensamentos de diferentes autores que abordam essas questões. Porém, o que nos interessa é compreender que:

(...) o colonialismo é mais do que uma imposição política, militar, jurídica ou administrativa. Na forma da colonialidade, ele chega às raízes mais profundas de um povo e sobrevive apesar da descolonização ou da emancipação das colônias latino-americanas, asiáticas e africanas nos séculos XIX e XX. (OLIVEIRA e CANDAU, 2010, p.18).

Enquanto o colonialismo se limita à história com seu início na colonização, a colonialidade, como os autores dizem, sobrevive mesmo após a descolonização, mantendo, na atualidade, padrões de poder e soberania de uma raça que se naturaliza como superior às outras raças ou, então, aos padrões culturais, territoriais, de gênero e, até mesmo, epistêmicas destas (GOMES, 2012).

Sendo assim, podemos começar a compreender o que é intitulado ao termo Raça, quando os autores colocam a superioridade de um grupo sobre outro. É interessante a gente se apegar à questão de poder e de subordinação que existia na história para, então, podermos nos situar no que diz a nossa contemporaneidade.

Atualmente, a colonialidade seria a obrigação de partes do mundo se adequarem à cultura do Ocidente, em um processo de ocidentalização. É através de discursos que têm como objetivo entrar no imaginário desse novo mundo colonizado e ao mesmo tempo, contribuem para a reprodução do colonizador (OLIVEIRA e CANDAU, 2010). É dentro dessas concepções que se observa a inferiorização de povos Africanos e Indígenas desde muito cedo e que, mesmo com o passar dos anos e com a descolonização, continua-se a negar toda a construção do legado histórico e cultural constituído por esses povos até hoje..

Essas definições servem para nos explicar que o conceito de raça também sofre alterações diante desses acontecimentos. A contribuição dos autores acerca disso é que o conceito de raça acaba sendo uma criação do homem, não sendo fruto

natural da biologia humana. É somente com o passar do tempo que o conceito de raça e cor tomam a proporção que conhecemos hoje (OLIVEIRA e CANDAU, 2010).

Analisando outros estudos, porém, percebemos uma certa discordância por parte de alguns autores em tratar essas duas definições, Raça/Etnia, pois, seguindo ainda dentro da temática analisada pela autora Nilma Lino Gomes (2012), são termos que acabam chegando no mesmo objeto. Já, para o movimento negro (2007), raça é o termo utilizado por eles com uma ressignificação histórica, rompendo com as visões distorcidas de poder político e histórico que foram utilizados nos tempos passados.

Raça ou etnia, qualquer que for a escolha para se referir aos povos negros e suas ancestralidades, o que de fato vai conduzir a temática é a perspectiva que encaramos atualmente. O mais importante é que essa perspectiva seja sempre de liberdade e identificação e, jamais, de subordinação ou derivações que remetem ao racismo.

“Ao mesmo tempo, nesse mesmo período, a categoria cultura, associada a categorias como identidade e etnia, passa a ser fundamental nas discussões no campo do currículo e da educação em geral” (OLIVEIRA e CANDAU, 2010, p.29).

O que se pode perceber é que existem várias teorias e concepções em relação a estes dois pontos. O que podemos brevemente observar no que diz respeito ao início das teorias sobre as diferentes raças humanas é que ele se deu no final do século XVIII, a partir do autor Joseph Arthur. Desse ponto em diante da história, é que outros autores começaram a se interessar pelo assunto em busca de descobrir outras raças existentes.

Para compreendermos melhor, o dicionário online identifica raça como uma divisão dos grupos humanos considerando as características físicas das pessoas correspondentes a esse grupo; ou seja, cor da pele, tipo de cabelo, entre outras (DICIONÁRIO ONLINE, 2022). Esse dicionário ainda aponta para *etnia* sendo, também, um grupo de pessoas que, desta vez, se diferenciam de maneira sociocultural, mais especificamente: pela língua que é falada, por sua religião e pela maneira de agir (DICIONÁRIO ONLINE, 2022).

A respeito do termo *Etnia*, podemos falar um pouco a respeito do que alguns autores questionam o fato de utilizar-se o termo *Raça*. Pode-se, assim, vê-lo como uma questão de superioridade, conforme vimos nos questionamentos anteriores, onde

havia a inferioridade dos povos Africanos e Indígenas.

O que podemos, então, concluir é que essas ambições são fortemente históricas, pois, antes de se tornarem parte da ciência do que conhecemos hoje, foram tecidas de forma histórica durante esses anos como subordinação de poder econômico, político, epistêmico e, até mesmo, pedagógico, como também conclui a autora Nilma Lino Gomes (2012).

2.3 Educação Antirracista

Encontramo-nos em um país racista onde a cor da pele é vista como fonte de superioridade, e, apesar disso, existe algo maior que contribui cada vez mais: a negação. Muitos não reconhecem que estamos em um Brasil racista, como Oliveira e Candau (2010) contextualizam nos novos e nos velhos debates, que foram surgindo com o tempo pós-promulgação da Constituição. Um dos debates, diz respeito, justamente, a democracia racial entendida pelas autoras como um mito, da mesma forma como Gomes (2005) expõe em seu estudo.

Precisamos ser sinceros e admitir que estamos em um país racista, sem mitos e especulações na tentativa de acreditar em uma democracia racial. Basta observar os últimos dados de [homicídios de pessoas negras](#).

Essa negação faz com que, cada vez mais, cresça o número de casos de discriminação racial. Aumenta gradativamente a afirmação na sociedade, no âmbito público, e, também, em ênfase, nas escolas. Isso nos mostra a importância que tem de falarmos sobre essas questões, em especial, na Educação Infantil, onde muitos processos se iniciam. Além disso, mostra-se importante, principalmente, para nos educarmos como sociedade, como professores, como pai, mãe e a família, como um todo, de forma coletiva, colaborando para o crescimento pessoal e coletivo.

Quando nos acomodamos e deixamos as situações estáticas, sem contribuir pela valorização e para o aumento de oportunidades iguais, estamos automaticamente contribuindo para com o racismo.

Dentro do que se diz no estudo de Nilma Lino Gomes (2005), existem duas formas de racismo: o individual e o institucional. Quando nos referimos ao racismo individual, falamos do que é cometido por indivíduos que podem atingir outros de

forma extremamente agressiva, violenta e podendo, até mesmo, destruir, de forma violenta, bens materiais e, em casos mais extremos, podendo cometer assassinato.

Já na forma institucional, ainda seguindo a linha de estudo de Nilma Lino Gomes (2005), ele ocorre geralmente sob a forma de isolamento dos negros da sociedade, fazendo com que os negros sejam afastados dos bairros, das escolas, dos estabelecimentos e de qualquer outra fonte institucional considerada “pública”, mas que, infelizmente, de forma racista, faz com que nós, negros, não só nos sintamos mais excluídos da sociedade, como, de fato, consegue por em ênfase que estes locais não são adeptos a nos receber simplesmente pela nossa cor e por nossa história de luta.

Nossa maior preocupação, aqui, acredito que seja entender qual linguagem e abordagem que devemos utilizar na Educação Infantil para tratarmos essa temática em uma idade onde os alunos que estarão em sala são considerados crianças. Sabemos que, na idade em que se encontram os estudantes da Educação Infantil, ocorrem colocações inocentes, pois fazem parte da sua ingenuidade, inocência e, principalmente, dependência, já que não conseguem ainda responder por si só.

Acredito que, apesar de na Educação Infantil parecer ser mais complexo falar e tratar estas questões em sala, o que não podemos esquecer é que devemos continuar a trabalhar de forma lúdica, trazendo essas informações com livros, vídeos, peças teatrais, filmes, entre outros recursos, pois, nessa idade, devemos considerar que as crianças não ficam por muito tempo atentas e, principalmente, possuem dificuldade de assimilar tantas informações dentro do mesmo contexto. Devemos sempre trabalhar pensando em temáticas e formas que chamem a atenção dos pequenos e que a linguagem sempre seja de fácil compreensão.

Felizmente, hoje em dia existem muitos livros e materiais infantis que trazem temáticas antirracistas, um dos exemplos é o livro infantil “Amoras”, é um livro escrito pelo artista Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida. Onde retrata questões sobre a auto estima, identidade, paternidade, figuras históricas e tem como protagonista principal a filha do artista, uma criança negra que possui cabelos encaracolados (OLIVEIRA, 2018).

. Acredito, porém, que, antes de tudo, é importante que, dentro do ambiente de

sala de aula, sejam disponibilizadas imagens de crianças negras e figuras importantes, sempre na tentativa de primeiramente se visualizarem, ou melhor, se identificarem em suas características, para que compreendam que, dentro desse novo espaço, também são importantes figuras assim como as demais.

Desta forma, as crianças conseguem se familiarizar, mesmo dentro de uma nova perspectiva multicultural, pois partimos da ideia de que nascemos puros, porém nos contaminamos com as ideias da sociedade.

3 RESULTADOS

Buscando enriquecer este trabalho, no dia 2 de setembro de 2022, ocorreu uma entrevista de forma presencial e semiestruturada com uma professora de Educação Infantil, que atualmente trabalha com Jardim I e Jardim II em uma escola rural localizada no município de Viamão/RS. A escolha de um participante para a entrevista se deu a partir do contato profissional, pois trabalhamos juntas. A ideia inicial partia do princípio de incluir outros profissionais que haviam também recebido o convite, porém não foi possível.

É importante retomar que, desde o princípio, o objetivo geral desta pesquisa é compreender práticas que são utilizadas em sala de aula para tratar questões étnico raciais de professores da Educação Infantil. Partindo deste objetivo central, foi elaborada uma entrevista com doze questões.

Isabela, nome o qual será destinado de forma fictícia à nossa entrevistada, tem 43 anos de idade e atua nessa profissão há 12 anos. Ela conta que, durante sua trajetória, já atuou como professora no Ensino de Jovens e adultos (EJA), no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e, atualmente, atua na Educação infantil, atendendo o Jardim (I e II).

Ao analisar a entrevista, percebe-se uma grande dificuldade talvez em compreender a posição que o entrevistado se coloca ao responder às questões. Na primeira questão, busquei entender qual seria o entendimento da entrevistada a respeito do tema Educação antirracista na Educação Infantil. Logo, a entrevistada basicamente coloca que o princípio pelo qual se baseia em seu trabalho seria o da igualdade entre todos os indivíduos, sem diferenciações e discriminação.

Em outro momento, ela aponta a importância do tema ser tratado na Educação Infantil, justificando a existência de livros que abordam esse tipo de educação, sobre a colonização e sobre o negro. Essa última colocação é preocupante, pois, a forma como é colocada ocorre por repetidas vezes ao longo do diálogo, associando o povo negro ao trabalho, como inclusive aparece nesta mesma resposta: “o negro foi uma pessoa, foi uma raça que contribuiu muito para o princípio da colonização, trabalhou muito e trouxe uma cultura muito rica para a gente, então nós temos que aproveitar e aprender muito com eles”.

Já em relação à importância de se abordar questões étnico-raciais, desta vez no ambiente escolar como um todo, no primeiro momento, a entrevistada aponta que o racismo vem de casa, acreditando que os apontamentos que são trazidos para sala de aula são de questões que foram construídas em casa. Podemos observar, em capítulos anteriores, que essa questão é exatamente referenciada por Gomes, apontando que a identidade de uma criança se inicia no âmbito familiar e que, aos poucos, vão surgindo as definições de mundo (GOMES, 2018). Logo, os questionamentos que são trazidos pelas crianças em sala de aula são repetições de comportamentos observados no ambiente familiar ao qual estão inseridos.

Na mesma resposta, a entrevistada aponta que “as pessoas vêm de uma bagagem muito antiga de que o negro servia para o trabalho, e, hoje, nós temos pessoas que estudaram e temos vários profissionais que desmistificam essa questão (...)”.

Observa-se, na resposta da entrevistada, novamente a colocação do negro como fonte de trabalho, mesmo tendo o apontamento que esta visão está nas “pessoas” como ela mesma coloca,. No decorrer da entrevista, ela contradiz essa opinião quando justifica dizendo que “hoje nós temos pessoas que estudaram e temos vários profissionais que desmistificam essa questão”.

Em outra seção da entrevista, busquei entender qual seria o posicionamento da entrevistada em relação às práticas que a escola deveria fazer para iniciar esse diálogo. Logo, ela aponta que, em sua opinião, participamos todos os dias da cultura negra, porém, de forma resumida, ela conta que, de certa forma, não admitimos que desfrutamos dessa cultura. Somando a isso, a entrevistada conclui essa questão apontando que a escola deveria trazer mais a cultura e a religião afro para o seu interior, como inclusive aponta a Lei 10.639/03 quando apresenta a necessidade de ser trabalhados, em sala de aula, a cultura afro-brasileira e o ensino da história brasileira.

Em relação ao que preve a Lei 10.639/03 e sua importância na construção de um currículo anti-racista para combater a discriminação racial, pode-se observar mais a frente em nossa entrevista as considerações da entrevistada em relação ao currículo, especialmente, o do jardim. Ela o considera bem restrito, tendo em vista as suas finalidades e também questiona que deveria ser trabalhado em sala

considerando as questões do cotidiano da criança. Para esta última colocação, trago o que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta, especialmente no que diz respeito à Educação Infantil, para analisarmos:

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BNCC, 2018, p.38).

O que nos chama atenção é que as colocações que a BNCC traz são claramente de um currículo que considera o acolhimento da criança que está saindo do seio familiar e entrando em um novo contexto que, por fim, deve considerar as questões cotidianas.

Logo, sua prática tem como base as datas comemorativas em conjunto com materiais afro que tratam as questões de nossa temática. É importante salientar que a entrevistada também aponta a importância de se trabalhar as datas comemorativas, porém com o entendimento da necessidade de se trabalhar todos os dias as questões que norteiam, como exemplo, a comemoração do dia da consciência negra. Esse é um ponto muito positivo, pois estamos falando de um processo que deve ser falado e retratado todos os dias em sala, jamais se restringindo a ocasiões festivas.

Outro ponto que norteou a entrevista circula em torno da discriminação e do preconceito racial, quando a entrevistada, aponta “que em alguns lugares o negro é agredido” e que acredita que em sua região não existe “tanto” esses fatos. É possível compreender que a fala demonstra muita distância de sua realidade. Sabe-se que, tanto o ato de discriminação, como o de preconceito, acontecem infelizmente todos os dias mais próximo do que imaginamos. A diferença é que nem todos são registrados e retratados na televisão, lugar esse que aparentemente a entrevistada acompanha.

Logo, em relação ao preconceito, é valiosa a constatação que ela nos traz quando aponta ser algo engessado, pois a entrevistada assume que o preconceito

também é fortemente fruto do que ouvimos e automaticamente acabamos por reproduzir, na maioria das vezes, sem saber o fundamento das palavras e dos sentimentos que estamos utilizando em nosso cotidiano, claramente resultando no preconceito.

Em outro momento da entrevista, é possível observar que a nossa entrevistada utiliza termos que dão características às pessoas empregando o diminutivo a elas, como: “temos o gordinho, temos o magrinho”. Trago essas questões, pois cabe salientar que esses e os demais termos, colocações e principalmente as mudanças na fala e na fisionomia durante a entrevista demonstram um grande receio em expor os termos da forma correta.

CONCLUSÃO

Ao retornarmos a proposta inicial deste trabalho, veremos que tem por natureza compreender práticas que são utilizadas no cotidiano em sala de aula por professores da educação infantil. O mesmo se alcançou, quando através de uma entrevista que foi fundamentada nas questões que norteiam este trabalho e que brevemente tinha um pouco de conhecimento a respeito de algumas contações que já eram observadas na pessoa que foi entrevistada desde o princípio, porém tudo vazia parte de um cotidiano escolar que compartilhávamos juntas.

Porém muitas colocações do cotidiano me chamavam atenção, pois cabe salientar que muitas se direcionavam a minha pessoa, mas sabe que talvez o racismo mais difícil de se interpretar é aquele que é voltado para alguém que estuda e constata a respeito, alguém que se diz entender sobre. A partir destes aspectos comecei a me auto questionar, como seria a entrevista?

Neste momento já é possível responder a muitas perguntas e uma das mais importantes que é possível observar nos capítulos anteriores, é que, dentro da Educação Infantil, existe ainda muito receio em se trabalhar questões étnico-raciais. Um receio em olhar o outro, que, dentro deste contexto, é um ser chamado criança, que também se encontra na necessidade de ser esculpido fortemente em uma identidade que valoriza o ser que possui traços, curvaturas e demais características que ainda precisam ser evidenciadas e refletidas em grandes seres.

É evidente que o racismo não será zerado quando a atitude de um professor diante de uma situação de preconceito e ou discriminação for deixar a família da criança em segundo plano, por acreditar que o problema pode se tornar maior.

Quando analisamos a situação dessa maneira, deixamos que o preconceito e a discriminação continuem no ambiente familiar e apenas na escola sejam vedadas essas atitudes, mas esquecemos que a mesma criança irá retornar à família, que continua a praticar os mesmos atos e, obviamente, essa criança ainda vai continuar a reproduzi-los.

O que podemos constatar é que o trabalho da auto estima, da identidade de uma criança negra, das colocações que circulam em torno de raça e etnia, cultura afro-brasileira e história brasileira deve ocorrer a passos maiores na educação infantil.

Já temos o conhecimento que, em questões materiais, evoluiu bastante, porém ainda não são desfrutados na prática escolar. Esse fato resulta nessa pesquisa. Percebe-se nos relatos da análise que, em específico na sala de aula da nossa entrevistada, ela alega não existir diferenciações, termo que ela mesma utiliza e, inclusive, retrata fortemente em sua fala por mais de uma ocasião. Porém, os demais relatos por vezes se contradizem com as suas próprias opiniões. Nesse caso, é tendencioso que essas negações, que circulam em torno do seu ambiente, acabem por estagnar ali mesmo, onde acredita-se que não ocorra preconceito e ou discriminação. A questão é que ultrapassa as paredes de uma sala de aula, fora deste círculo, ou seja, no ambiente escolar como um todo, pode acontecer a estagnação, e essa é a maior preocupação, de não deletar o fato de estarmos nos referindo a uma questão que injustamente está presente em nosso cotidiano.

Eu posso ser consciente de que sou contra, mas não posso deixar que essa negação se torne poder de suprema verdade escondendo a questão inicial. O racismo existe e, por vezes, está mais próximo de nós, e não conseguimos enxergar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18/09/2022.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil. Constituição, Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 21/03/2022.

CAMPELO, Rodrigo. **Estudo mostra desigualdade racial em indicadores de educação, saúde e trabalho no RS:** população negra corresponde a 21% do total do estado. pandemia aprofundou desigualdades, aponta pesquisador. 2021.

Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/11/22/estudo-mostra-desigualdade-racial-em-ndicadores-de-educacao-saude-e-trabalho-no-rs.ghtml>. Acesso em: 05/05/2022.

ETNIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português da Google e Oxford Linguagens.** 2022. Disponível em:

https://www.google.co.uk/search?q=etnia+dicio%C3%A1rio+online&ei=ChjsYqfTEo3b1sQP84e7yAQ&ved=0ahUKEwingM2O8K35AhWNRZUCHfPDDkkQ4dUDCA4&uact=5&oq=etnia+dicio%C3%A1rio+online&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyCAgAEB4QDxAWOHQIABDqAhC0AhCKAxC3AxDUAXDIAjoLCAAQgAQQsQMQgwE6DgguELEDEIMBEMcBENEDoq4ILhCABBCxAxDHARDRAzoICAAQsQMQgwE6BAgAEEM6BwgAELEDEEM6CAgAEIAEELEDOqUIABCABDoICAAQgAQQyQM6CwquEIAEEMcBEK8BOgYIABAeEBY6CggAEB4QDxAWEAo6BAgAEA06BggAEB4QDTolCAAQHhAPEA06CggAEB4QDxANEAU6DAgAEB4QDxANEAUQCjoICAAQHhANEAU6CggAEB4QDxAIEA06CAgAEB4QCBANSgQIQRgASgUIQBIBMUoECEYYAFDK5gNYu54EYMOqBGqBcAF4AIAB4qSIAfYekgEMMC4xOS4xLjAuMS4xmAEAoAEBSAEFwAEB&sclicie=nt=gws-wiz. Acesso em:

GOMES, Nilma Lino et al. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal**, v. 10639, n. 03, p. 39-62, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 727-744, 2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 1986. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/area-restrita/Ludke_Andre_Pesquisa_Educaca_abordagens_qualitativas.pdf. Acesso em: 21/03/2022

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

RAÇA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português da Google e Oxford Linguagens.** 2022. Disponível em:

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Primeiramente gostaria que você se apresentasse nos contando seu nome, sua idade, sua formação, em quais anos já atuou como professora e a quanto tempo está atuando nesta formação?

Resposta: Bom, meu nome é Isabela Pereira (nome fictício), tenho 43 anos, eu atuo na profissão a 12 e já dei aula para EJA, Ensino Fundamental 2 E atualmente estou dando aula no Jardim, que é ensino fundamental 1.

2. Acredito que a primeira pergunta que aqui deveria ser feita com o objetivo de iniciar nosso diálogo, seria qual o entendimento que você tem a respeito do tema: Práticas Antirracistas na Educação Infantil?

Resposta: Eu trabalho na educação infantil partindo do princípio de que todos os alunos são iguais, a questão racial para mim é sem discriminação, porque na escola que eu trabalho temos alunos negros, temos pardos, temos alunos pobres e temos alguns ricos. Então assim, onde houver uma diferenciação entre as raças e entre o que as pessoas sabem em seu entendimento, vamos viver em uma sociedade bem mais difícil de lidar, então eles tem que tratar bem todos os colegas.

- Você considera importante esta temática na educação infantil? Por quê?

Resposta: Sim eu acho bem importante, porque nós temos livros que falam sobre educação, sobre o negro, sobre a colonização e a gente trabalha bastante esses aspectos com as crianças. Então não é porque o aluno tem o tom de pele diferenciado que ele tem que ser diferente dos outros tanto porque além do racismo ser uma prática que não pode existir, pois, somos uma colonização de várias etnias e o negro foi uma pessoa, foi uma raça que contribuiu muito para o princípio da colonização, trabalhou muito e trouxe uma cultura muito rica para a gente, então nós temos que aproveitar e aprender muito com eles.

- E no ambiente escolar como um todo?

Resposta: Eu acho que o racismo vem de casa, as crianças vão trazer uma bagagem das coisas que elas ouvem em casa, eu parto do pressuposto que eles chegaram na escola para aprender várias coisas diferentes e aquilo que

se tornou uma regra em casa pode ser transformado, porque as pessoas vem de uma bagagem muito antiga de que o negro servia para o trabalho e hoje nós temos pessoas que estudaram e temos vários profissionais que desmistificam essa questão, então não é só porque é o negro, porque que é o branco ou porque é o pardo. Eu acredito que todos tem que ter o direito de estudar e fazer o que eles querem, então não existe essa questão de que o negro veio para trabalhar o negro é livre, como qualquer outra pessoa e tem muita coisa para ensinar para a gente.

3. Na sua atual sala de aula, como são os alunos, em qual contexto estes alunos estão inseridos considerando as condições familiares?

- Moradia;
- Renda familiar;
- Os pais trabalham?
- Os pais possuem estudo, em uma visão ampla quantos +/- possuem o ensino médio?

Resposta: Na escola que eu trabalho nós temos uma grande gama de alunos que os pais trabalham com reciclagem e temos alguns empresários que possuem mercado e trabalham aqui na região na volta da escola, mas a grande maioria de alunos é de baixa renda, então alguns acabam vindo para a escola, porque nós fornecemos alimentação e nós temos um trabalho social, nós temos um brechó solidário onde as professoras colaboram com roupas e a gente traz normalmente muitas coisas de casa para as crianças. Eu acho que é uma escola bem participativa.

4. Quais práticas a escola deveria fazer para iniciar esta temática ou talvez corrigi-la?

- Qual seria sua posição considerando suas experiências atuais de professora da Educação Infantil que aqui é nosso foco, e é claro as demais vivências que já obteve nesse tempo como professora?
- Considerando o ambiente escolar em seu contexto amplo e a importância do tema.
- Você acha que estão sendo conduzidos de forma correta?

Resposta: Eu acho que tudo é válido, todo dia a gente aprende coisas diferentes né, até mesmo porque a gente participa da cultura negra e acaba sendo ignorante em algumas coisas, por exemplo a gente come muitas coisas que os negros trouxeram da África e a gente acha muito bom, que a gente gosta, mas ao mesmo tempo a gente não consegue admitir que a gente aprendeu, que eles participam da nossa vida, tanto que existem muitos presidentes negros e que fizeram um ótimo mandato né durante sua carreira política, durante seu mandato.

Então a gente tem muita coisa para aprender, eu acho que a escola tem que focar mais nisso, em ensinar que a cultura e até mesmo a religião, a religião afro por exemplo é linda, a gente tem que aprender muita coisa, e as pessoas são ignorantes, elas acreditam que a religião afro faça mal para as pessoas, eu não acredito nessa teoria, mesmo porque os negros, eles cuidavam da sua aldeia, da sua tribo, eles tinham uma união, mas é uma coisa que hoje em dia ao meu ver está muito disseminado.

5. Sobre a Educação Infantil, considerando que as crianças estão conhecendo um novo ambiente repleto de novas informações e principalmente das multiplicidades. A respeito destas visões o que você acha? O que você tem a contribuir considerando sua vivência?

- Você acredita que dentro deste novo contexto é que começam a se criar algumas concepções?

Resposta: Sim, algumas coisas a gente pode conservar e outras desmistificar, porque na verdade a gente vive em um contexto escolar onde temos o negro, temos o branco, temos o gordinho, temos o magrinho e todos eles são pessoas, todas as pessoas contribuem no final da tua caminhada com alguma coisa que vai te acrescentar.

Então eles são colegas, eles tem que respeitar uns aos outros como colegas, eu não acredito que “ ah porque eu vou sentar do lado do coleguinha que é gordinho, eu não vou aprender nada” não, a bagagem dele é imensa, ele vai te auxiliar durante a tua vida escolar e de repente até o quinto ano se continuar na mesma turma ou tu vai lembrar “eu sentei do lado, do meu colega que me ensinou alguma coisa que eu não sabia” e eu acho que não tem diferença, para

mim no meu conceito não existe diferenciação e eu tento trazer isso para a sala de aula. A respeito da discriminação racial e do preconceito, você entende como, cada um destes atos ocorre?

Resposta: Tá a discriminação racial eu acredito que ela seja executada e praticada por pessoas ignorantes, porque algumas coisas na vida são oportunidades né, todos devemos ter a mesma oportunidade e a discriminação acho que no tempo que a gente tá vivendo, no século que estamos vivendo, acho que é uma coisa infundada, não tem como existir, tanto assim nós já evoluímos tanto, então assim, acredito que as pessoas têm que se respeitar, começando pelo respeito, respeito é uma coisa que está se perdendo e a gente tem que resgatar.

- Mas a discriminação para ti, ocorre de forma verbal ou é através da agressão?

Resposta: A gente participa de uma geração que é muito informatizada né, então você é praticamente o refém do que assisti na televisão, do que ouve. E aqui na nossa região, acredito que não exista tanto, mas em alguns lugares o negro é agredido, às vezes ele não tem o direito de reclamar de alguma coisa que ele se sentiu prejudicado, que está errado. Então todos os dias a gente vê a agressão verbal, a agressão física, isso é uma coisa inadmissível, nós estamos em pleno século 21.

O preconceito, eu acho que é uma coisa engessada, a gente ouve e a gente repete, então assim a gente tem que tirar isso do nosso conceito diário e transformar isso em diferenciações, as pessoas podem ser diferentes, ninguém é obrigado a ser igual mesmo porque se não, seríamos pessoas em série seríamos como robôs.

6. Dentro da realidade da sua sala de aula, considerando a questão anterior, gostaria de saber se já presenciou algum ato de discriminação racial e ou preconceito de aluno para aluno ou de aluno para professor ou vice-versa? Poderia me contar?

Resposta: De aluno para aluno eu nunca presenciei, mas essa semana teve a questão de uma mãe de um aluno falar que se o filho está namorando uma negra, como se aquilo, fosse a coisa mais absurda da faze da Terra. Então assim, meu conceito diante desta situação, foi de olhar para ela sem palavras,

porque ela é uma senhora de idade e acredito que essa pessoa que está namorando o filho dela, tenha o propósito de trabalhar, de crescer na vida e o filho talvez não tenha muita vontade de ser alguém. Então assim eu conheço várias pessoas negras que são guerreiras, são trabalhadoras, elas pensam no futuro e elas não se importam de passar trabalho hoje para acrescentar na vida delas no futuro.

Então assim, não quer dizer que seja negro que seja branco, mas a questão que ela falou foi bem preocupante.

7. Qual foi ou como seria a sua abordagem diante destas ocorrências? E caso após a sua abordagem não resolvesse o problema e ele voltasse a se repetir, o que você faria?

- Levaria para direção e coordenação escolar, conversaria com os pais caso fosse com alunos? Como seria?

- Então vamos imaginar de repente, que tivesse acontecido dentro do seu ambiente de sala de aula, algum ato de preconceito entre dois alunos, como seria a sua abordagem diante desta ocorrência?

Resposta: Eu chamaria os dois alunos para conversar no privado e chamaria a orientadora da escola para a gente poder entrar em um consenso, porque nem sempre a gente chamando os pais a gente consegue solucionar os problemas, porque as vezes o preconceito vem de casa e se chamarmos o pai, vai acabar gerando um preconceito maior ainda, então as vezes a gente consegue resolver esta questão em sala de aula com orientação adequada para poder zerar este sistema tão falho que existe. Em relação a cultura afro brasileira e o ensino da história brasileira, conforme determina a Lei 10.639/03, qual o seu entendimento a respeito da construção de um currículo antirracista considerando o que preve a Lei 10.639/03 ?

- Você acredita que um dos maiores passos para combater a discriminação racial, consiste na construção de um currículo anti-racista?

Resposta: Bom, o currículo do jardim é bem restrito, porque nós temos algumas finalidades a serem trabalhadas, eu trabalho particularmente com as datas comemorativas, isso inclui a consciência negra, trago material afro, porque eu acho que materiais que falem mais sobre os negros, que trabalhe isso, pois a gente tem uma cultura muito ampla e não é trabalhada e não

adianta querer trabalhar uma data que você não tem entendimento a respeito da data, não é um dia, é todos os dias, tu convive com as pessoas entendeu? Então tu tem que aprender, tu tem que trabalhar e tu tem que vivenciar, pois, quando teve a colonização eles vieram pra cá para o Brasil e trabalharam horrores para poder hoje a gente ter as coisas que a gente tem para aprender com eles, trouxeram muita bagagem para a gente. Então eu acho que não é só o dia da consciência negra a gente tem que trabalhar todos os dias, aprender as coisas todos os dias .

8. Como esse currículo ocorre dentro das escolas que atualmente você trabalha/trabalhou como professora?

Resposta: Eu acho que o currículo não é bem elaborado, porque eu acho que o currículo deveria ser elaborado de acordo com o que a gente vivência e as vezes o cotidiano é muito mais importante do que eu encher um quadro de matéria, porque eu posso falar, contar experiências, trazer experiências que são muito mais ricas do que a criança passar o dia inteiro copiando, porque acredito que a cópia é uma repetição e se tu não ler, não absorver, tu não vai aprender.

- Mas você questiona isso de forma ampla ou questiona para a Educação Infantil, o que está previsto no currículo?

Resposta: Eu questiono de forma ampla, acho que todos, pois a educação começa no currículo, começa na educação infantil, logo se eles não possuem uma base na educação infantil, eles não irão conseguir evoluir nos outros anos, séries.

9. E sobre a construção da identidade de uma criança negra,(ressalto que aqui também me refiro aos pretos e pardos, conforme consta nos censos apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE), o que você acha a respeito dessa construção na educação infantil?

- Por acaso voce utiliza práticas que ressaltem esta importância para seus alunos?

- Utiliza de materiais que reverenciem pessoas negras, como livros por exemplo ou filmes?

Resposta: Muito importante, porque na Educação Infantil, eles levam, é a base

e na verdade somos todos mestiços, “é vergonhoso se dizer que é pardo, é vergonhoso se dizer que é índio, é vergonhoso se dizer que é negro”. Mas a tua origem de onde veio? “Porque é bonito dizer que é branco?”, eu não acho, porque quando veio a colonização, os brancos vieram de lugares assim, para o Brasil e eles eram prisioneiros, eram malvados os espanhóis eram pessoas malvadas e eles aprenderam muito com os negros, muito com os pardos, com os índios. Então a cultura, tem que ser levada desde o princípio, tem que ser ensinado desde o que aconteceu e tudo o que eles nos trouxeram de rico.

10. Raça e etnia, muitos autores discutem a respeito dessas duas concepções, trazendo várias controvérsias, gostaria que você trouxesse um pouco do seu entendimento a respeito disso.

- O conceito de raça, muitos autores contribuem a cerca disso, dizendo uma criação do homem, não sendo fruto natural da biologia humana. É somente com o passar do tempo que o conceito de raça e cor toma à proporção que conhecemos hoje (OLIVEIRA e CANDAU, 2010);

- Muitos até mesmo entendem raça como a superioridade de um grupo sobre outro, trazendo em questão as ocorrências que tivemos na história brasileira.

- Sobre Raça e etnia, existem muitos autores que discutem a respeito destas duas concepções, muitos inclusive trazem diversas controvérsias, eu gostaria que você trouxesse um pouco do seu entendimento a respeito disso, primeiramente de Raça.

Resposta: Ta, Raça é quando a gente vai fazer alguma documentação, é raça branca, parda e a etnia para mim é uma coisa mais ampla, eu acho que a etnia é uma coisa que engloba mais entendimento, mais bagagem.

- Contextualizando um pouco, alguns autores dizem que o conceito de raça um é uma criação do homem e não é um fruto natural da biologia humana é somente com o passar do tempo que se tem o entendimento que hoje a gente conhece e outros inclusive entendem raça como uma forma de superioridade sobre um grupo, por exemplo a raça branca sobre os negros, o que você entende sobre isso?

Resposta: Eu acredito que exista, mas não acho correto eu acho que isso tem que ser desmistificado, temos que trabalhar a respeito disso muito com as crianças, não é correto.

- Essa então foi a nossa última questão, eu deixo aberto, caso você tenha algo a mais para contribuir, sobre as suas vivências e experiências.

Resposta: Bom, para mim é meio diferenciado isso, é muito novo né essa questão de entrevista, é bem complexo o assunto e acredito que fazendo um bom trabalho a gente consegue mudar algumas coisas. Então espero contribuir para que isso aconteça.